

## Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal

JÚLIO ROQUE CARREIRA<sup>1</sup> & JOÃO LUÍS CARDOSO<sup>2</sup>

*Palavras-chave:* História da Arqueologia; litografias; Portugal.

*Resumo:* Apresenta-se um conjunto de litografias de materiais arqueológicos então pertencentes à segunda Comissão Geológica de Portugal e destinadas a incorporarem um volume a ser apresentado por ocasião da Exposição Universal de Paris de 1867. Tal volume, da iniciativa de Pereira da Costa, co-director da referida Comissão, jamais chegou a concretizar-se e os exemplares remetidos para Paris, das referidas gravuras, não foram devolvidos. Assim se explica que, até ao presente, tenham permanecido inéditas, não obstante o seu elevado interesse documental. Por isso se optou pela sua publicação, como contributo para a história da Arqueologia Portuguesa e da Instituição precursora do actual Instituto Geológico e Mineiro. A pesquisa documental e museológica efectuada permitiu identificar a maior parte das peças representadas como pertencentes à gruta natural sepulcral da Casa da Moura, Cesareda e ao povoado pré-histórico da Rotura, Setúbal, a primeira explorada por J. F. Nery Delgado, o segundo por Carlos Ribeiro. Actualmente, conservam-se no Museu do Instituto Geológico e Mineiro e no Museu Nacional de Arqueologia.

*Mots-clé:* Histoire de l'Archéologie; lithographies; Portugal.

*Résumé:* On présente un ensemble de lithographies de matériaux archéologiques préparées sous la direction de Pereira da Costa, appartenant à la seconde Commission Géologique de Portugal. Cet ensemble devrait intégrer une publication à paraître à l'occasion de l'Exposition Universelle de Paris, de 1867. Cette publication n'ayant été jamais achevée, les lithographies envoyées à Paris n'ont été jamais dévoluées. Néanmoins, elles constituent des documents très intéressants concernant un aspect jusqu'à présent inconnu sur l'activité scientifique de Pereira da Costa, avec intérêt pour l'histoire de l'Archéologie portugaise et de l'Instituto Geológico e Mineiro. Les matériaux archéologiques proviennent de la grotte de Casa da Moura, Cesareda, fouillée par Nery Delgado dans les années 1863-1865 et du site de Rotura, près Setúbal, découvert par Carlos Ribeiro. Dans l'actualité, ils appartiennent au Museu do Instituto Geológico e Mineiro et au Museu Nacional de Arqueologia.

### 1 — INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresenta-se um conjunto de seis litografias coloridas de peças arqueológicas que, no canto inferior direito, ostentam a chancela da Comissão Geológica de Portugal. Reconhecendo-se o seu ineditismo, procurou-se, pela pesquisa documental, obter elementos que permitissem justificar a sua existência. Com efeito, julgamos que são exemplares únicos ou quase; a sua raridade justifica, plenamente, a divulgação agora efectuada, de evidente interesse para a história da investigação arqueológica em Portugal.

### 2 — ÉPOCA E CONTEXTO CIENTÍFICO

A razão da existência destas litografias — adquiridas em alfarrabista de Lisboa — veio a ser encontrada em publicação coeva, a qual é, até ao presente, a única referência conhecida. Trata-se da monografia de F. A.

PEREIRA DA COSTA (1868), «Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal», na introdução da qual (p. V) o autor declara:

«Por ocasião da Exposição que se projectou fazer, e que effectivamente se realisou em Paris em 1867, fui encarregado, por uma resolução da Comissão directora dos Trabalhos Geologicos, de fazer un catalogo descriptivo e illustrado com figuras dos principais objectos existentes na collecção da Comissão Geologica, e que pertencem à anthropologia e à archeologia prehistoricas do nosso paiz.

Depois de ter feito a escolha a descripção dos objectos que deviam ser enviados à Exposição Universal de Paris, e depois de se acharem representados em

<sup>1</sup> Rua Inácio de Sousa, n.º 5, 4.º andar, 1500 Lisboa.

<sup>2</sup> Membro Correspondente da Academia Portuguesa da História. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras.

estampas os mais importantes d'esses objectos, occorrem circumstancias pelas quaes, me foi impraticavel a conclusão d'este trabalho, e apesar de todas as nossas diligencias, a industria dos tempos prehistoricos de Portugal, deixou de ser representada na secção da historia do trabalho na exposição de 1867 em Paris».

Estava pois esclarecida não apenas a responsabilidade da autoria mas também o fim a que se destinavam tais estampas. Não ficavam, porém, explicadas as razões que determinavam a não publicação do volume projectado. Pereira da Costa acrescenta apenas que enviou para Paris «uma collecção de estampas que tinham sido feitas para o catalogo, que não chegou a publicar-se» (p. VI).

O envio das estampas para Paris é a causa da sua raridade em Portugal. Por outro lado, as desinteligências ocorridas entre os dois membros directores da 2.<sup>a</sup> Comissão Geológica, que estiveram na origem da sua extinção, por decreto de 23/12/1868, afastaram definitivamente da instituição, quando ela foi restaurada, em 18/12/1869, Pereira da Costa, inviabilizando, deste modo, quaisquer oportunidades ultteriores para a edição das estampas em Portugal. O autor veio a falecer cerca de vinte anos depois, sem nada mais de relevante ter publicado.

### 3 — AS LITOGRAFIAS

Os seis exemplares disponíveis encontram-se impressos em folhas de papel encorpado, com 320 mm×245 mm de dimensões médias, a que corresponde a mancha de impressão média de 230 mm×170 mm. Todos eles contêm no canto inferior esquerdo a autoria do desenhador e/ou gravador: assim, as duas primeiras estampas (I. B e II. B) são da autoria de Barros, que desenhou os objectos e procedeu à sua gravação litográfica, enquanto que as restantes ostentam, apenas, o nome do litógrafo, Castro, o mesmo que procedeu à gravação da terceira estampa da memória já citada de Pereira da Costa, de 1868. Barros era o artista gráfico a que era hábito recorrer para a impressão das estampas das memórias da 2.<sup>a</sup> Comissão Geológica: o seu nome figura na monografia das grutas da Cesareda (DELGADO, 1867) e, anteriormente, na das escavações realizadas no Cabeço da Arruda (COSTA, 1865).

As estampas existentes encontram-se organizadas em quatro grupos, em função da natureza da matéria-prima das peças. Assim, o primeiro, formado pelas Estampas I. B e II. B, refere-se aos artefactos líticos de pedra lascada; o segundo, constituído pelas Estampas I. C e II. C, representa fragmentos de cerâmica decorada; o terceiro, integra o espólio ósseo, em três Estampas, I. D a III. D; por último, os artefactos metálicos constam da Estampa I. E, incluindo duas contas de xisto. Ao conjunto descrito faltarão pelo menos a Estampa I. A. Tratar-se-ia, provavelmente, de materiais de pedra polida, os únicos que não se encontram representados no conjunto existente. Como Pereira da Costa declara, trata-se de uma selecção de objectos pertencentes às colecções da então Comissão Geológica, resultante de explorações por ela promovidas. A análise comparada das representações com os espólios actualmente conservados no museu do Instituto Geológico e Mineiro e no Museu Nacional de Arqueologia permite concluir que, de entre os materiais reconhecidos, estão apenas representadas três estações: a gruta da Casa da Moura (Óbidos), a gruta da Furninha (Peniche) e o povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal).

A gruta da Casa da Moura foi explorada em 1865 por J. F. Nery DELGADO, que dela publicou importante monografia (1867). O espólio arqueológico exumado manteve-se, porém, inédito até à actualidade.

O povoado pré-histórico da Rotura (então designado por «Fonte da Ruptura», em alusão a exurgência importante ainda hoje existente na base da escarpa que limita a estação) foi investigado por Carlos Ribeiro; o respectivo espólio manteve-se, igualmente, inédito, à excepção de algumas peças publicadas avulsamente (como no caso da Casa da Moura) por A. F. SIMÕES (1878), e reproduzidas por outros, como CARTAILHAC (1886). A referência às explorações de Pereira da Costa nesta estação, feita por Marques da COSTA (1903, p. 139) e seguida por V. GONÇALVES (1971, p. 54) não se confirma. Na verdade, Marques da Costa terá sido induzido em tal suposição pelo facto de os materiais da Rotura, já então divididos por Museus diferentes, não corresponderem a explorações diversas. A explicação radica, ao que julgamos, nos desentendimentos ocorridos entre Carlos Ribeiro e Pereira da Costa, na origem dos quais esteve a dissolução, durante cerca de um ano, da Comissão Geológica, tendo nesse período o respectivo acervo sido trasladado, pelo menos em parte, para a então Escola Politécnica, onde o segundo

era lenta. Com a reorganização da Comissão Geológica, alguns desses materiais teriam retornado à origem, mas não todos. Mercê de acordo estabelecido entre Leite de Vasconcelos e Jacinto Pedro Gomes, a colecção de materiais arqueológicos da Escola Politécnica é transferida para o então Museu Etnológico Português, antecessor no mesmo local do actual Museu Nacional de Arqueologia, ficando na Escola Politécnica apenas o espólio paleontológico, que viria a ser totalmente destruído no incêndio de 1978 (informação do Prof. M. Telles Antunes, que agradecemos). De tal transferência nos dá conta J. Leite de VASCONCELLOS (1905) no respeitante às peças entradas no Museu que dirigia em Junho de 1905.

Correspondência trocada entre Nery Delgado e Leite de Vasconcelos prova, também, o envio de materiais arqueológicos da Comissão Geológica para o Museu Nacional de Arqueologia (cf. HELENO, s/d, carta III), já em data anterior àquela.

#### 4 — BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPÓLIO REPRESENTADO

##### 4.1 — Materiais de pedra lascada

De entre os materiais representados nas Estampas I. B e II. B — do Neolítico final ao Calcolítico — avultam as lâminas retocadas ou não e as pontas de seta, sobretudo de base côncava. Estes materiais provêm, na sua maior parte, da Casa da Moura, embora outros sejam seguramente reportados à Rotura. Com efeito, no primeiro e único manual de arqueologia peninsular, escrito em língua portuguesa (SIMÕES, 1878), reproduzem-se, da Rotura, três pontas de seta de base côncava (Figs. 11 a 13), as mesmas que se encontram figuradas na Est. II. B com os n.ºs 1, 3 e 4.

##### 4.2 — Cerâmicas decoradas

Os exemplares reproduzidos nas Estampas I. C e II. C abarcam um lapso temporal mais amplo que o conjunto referido em 4.1. Com efeito, o fragmento com o n.º 14 da Estampa II. C, com decoração incisa de faixas paralelas preenchidas interiormente (da Casa da Moura), é integrável no Neolítico antigo ou de tradição antiga, enquanto que na Estampa I. C se reproduzem diversos fragmentos de cerâmicas campaniformes (da Rotura), pertencentes a vasos marítimos (n.ºs 3 e 5) ou do Complexo de Palmela (n.º 8); entre estes dois limites cronológicos se inscrevem fragmentos com decoração em

folha de acácia ou motivos associados (Est. I. C, n.ºs 1, 2, 4, 6 e 7) ou com decoração penteada (Est. II. C, n.ºs 11, 13 e 15) todos atribuíveis à Rotura. Os raros exemplares estratigrafados até ao presente publicados, na Estremadura, de cerâmica penteada, são do Calcolítico pleno (CARDOSO, 1995). Devem ainda mencionar-se três fragmentos com decoração «Boquique» (Est. I. C, n.º 9; Est. II. C, n.ºs 16 e 17), atribuíveis à Casa da Moura, cuja cronologia, na Estremadura, é preferencialmente neolítica (CARREIRA, 1994).

##### 4.3 — Utensílios ósseos

As peças ósseas distribuem-se pelas Estampas I. D a III. D. Encontram-se representados os tipos de artefactos ósseos mais frequentes em estações do Neolítico final e Calcolítico da Estremadura. Avultam os furadores, feitos por seccionamento oblíquo em diáfises de metápodos de ovinos/caprinos ou de outros ossos longos do mesmo grupo; um deles (Est. II. D, n.º 3) foi realizado sobre osso longo de ave, muito semelhante a exemplares de Leceia, atribuídos a *Sula bassana*, o ganso patola (GOURICHON & CARDOSO, 1995); provém da Rotura (cf. SIMÕES, 1878, Fig. 26, que o considera de «ave reibeirinha», p. 49). De mencionar ainda diversos punções de osso, bem como a existência de ossos longos serrados transversalmente, numa ou em ambas as extremidades (encontra-se neste caso o da Est. I. D, n.º 14, representado também por SIMÕES, 1878, Fig. 28, e por ele atribuído à Rotura). Estes artefactos são considerados como cabos de instrumentos. Duas peças merecem destaque (Est. II. D, n.ºs 4 e 5). Provêm da Rotura, tendo sido referenciadas como furadores por SIMÕES (1878), que reproduz uma delas (Fig. 27), o mesmo acontecendo com A. I. Marques da COSTA (1903), que recolheu mais dois exemplares, igualmente reproduzidos (*op. cit.*, Figs. 69 e 70). As escavações depois realizadas na estação proporcionaram mais três exemplares, considerados como sovelas (GONÇALVES, 1971, p. 81 e Est. XIX). Dos sete exemplares, exumados na Rotura, seis encontram-se reproduzidos por SPINDLER (1981, Abb. 34).

O único exemplar que não foi considerado pelo autor citado corresponde à Est. II. D, n.º 4. A função de tais peças foi entre nós recentemente discutida (CARDOSO, 1995). Além da apontada, avulta a hipótese de corresponderem a pontas de seta ósseas. Outra categoria de artefactos representados são as espátulas, ilustrada por um exemplar (Est. II. D, n.º 7), singularmente longo, recolhido da Casa da Moura. Também desta necrópole provém um grande osso, desbastado por polimento em

uma das extremidades, considerado como cabo por SIMÕES (1978, Fig. 24), representado na Est. II. D, n.º 10.

São ainda de mencionar, além de esquirolas e peças ósseas, aparentemente não afeiçoadas, diversos restos ictiológicos (Est. I. D, n.º 3; Est. II. D, n.ºs 2, 3 e 13), igualmente desprovidos de trabalho. Enfim, na Est. III. D, n.º 6, reproduz-se o fragmento de um «copo» de osso, calcolítico, decorado por linhas verticais e reticuladas incisivas; trata-se da única peça oriunda da gruta da Furninha, ulteriormente escavada por Nery Delgado.

#### 4.4 — Metais

Na Est. I. E reproduzem-se sete artefactos de cobre, dos quais se conhece a proveniência de seis. Assim, a serra (n.º 3), o punção da secção quadrangular deformado por torção (n.º 7), a faca encurvada de duplo gume (n.º 2) e o fragmento de anzol (n.º 8) provêm da Rotura; na Casa da Moura recolheram-se apenas dois utensílios metálicos, a ponta de Palmela (n.º 1) e o punção de contorno losângulo, pouco evidente na figura (n.º 6), peça de grande raridade, característica do Bronze inicial (CARREIRA, 1994). Presentemente a repartição de tais peças é a seguinte: indeterminada (n.º 4); Museu do Instituto Geológico e Mineiro (n.º 6); as restantes conservam-se no Museu Nacional de Arqueologia.

#### 4.5 — Objectos de adorno

Nesta categoria inscrevem-se as seguintes peças: o pendente da Casa da Moura feito num incisivo de equídeo, intensamente desbastado por polimento (Est. II. D, n.º 9), com um furo cilíndrico numa das extremidades, exemplar único no seu género em território português; duas contas discóides talvez de xisto (Est. I. E, n.ºs 5a e 5b) provavelmente da Casa da Moura; por último, um fragmento ósseo atribuível a porção de haste de alfinete de cabelo e, por isso, também reportável àquela estação (Est. III. D, n.º 8).

### 5 — CONCLUSÃO

Procurou-se averiguar as razões que presidiram à execução de sete litografias, até ao presente inéditas, por iniciativa da Comissão Geológica de Portugal, figurando materiais pré-históricos portugueses. Da pesquisa

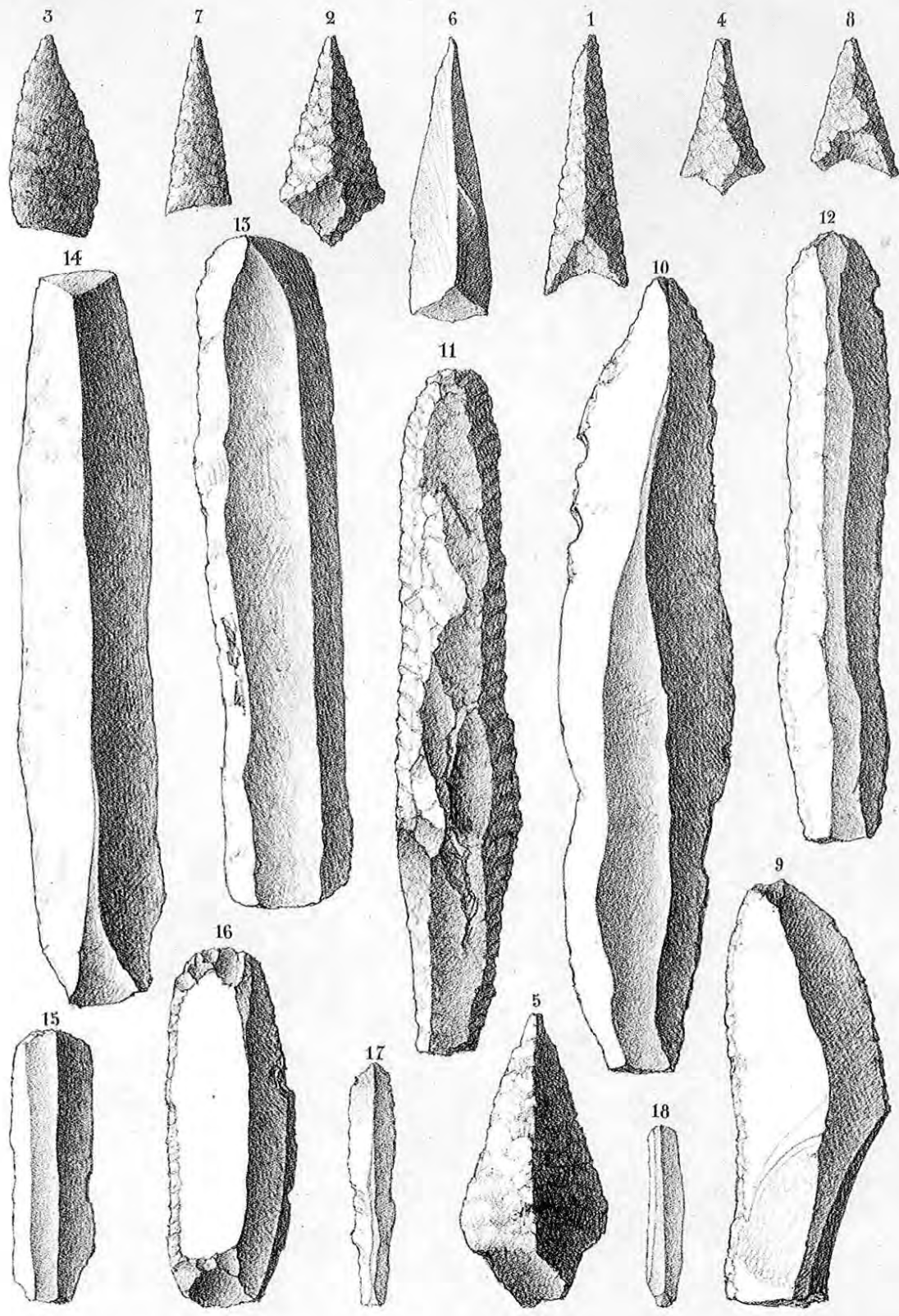
realizada concluiu-se que tal conjunto se destinaria a um catálogo, a ser distribuído por altura da Exposição Universal de Paris, de 1867, para onde foi enviado por Pereira da Costa. Tal publicação jamais foi concretizada, julgando-se perdidas as estampas enviadas, que corresponderiam à quase totalidade da edição. Os materiais ali reproduzidos e identificados provêm de apenas três estações pré-históricas: a gruta sepulcral da Casa da Moura, Óbidos, com ocupação do Paleolítico superior à Idade do Bronze, escavada por J. F. Nery Delgado em 1865; a gruta da Furninha, Peniche, também explorada por aquele arqueólogo, pouco antes de 1880; e o povoado calcolítico da Rotura, Setúbal, escavado por Carlos Ribeiro. O insucesso da projectada publicação, em Portugal, explica-se também pelas divergências ocorridas entre Carlos Ribeiro e Pereira da Costa, que estiveram na origem da extinção da 2.ª Comissão Geológica (1868) e ulterior transporte das colecções para a Escola Politécnica, onde Pereira da Costa leccionava. Alguns destes materiais, não tendo regressado às instalações de origem quando da formação da novel Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal (1869), deram ulteriormente entrada no então Museu Etnológico Português, por acordo entre o seu Director, Leite de Vasconcelos, e o Director da então Escola Politécnica, em 1905. Procedemos ao confronto entre as estampas e os materiais, actualmente no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Os resultados obtidos confirmam plenamente o atrás exposto: as vicissitudes conhecidas pelas peças da Casa da Moura e da Rotura documentam, deste modo, momento de viragem na história da Arqueologia Portuguesa, com a plena afirmação — ainda que efémera — do então designado Museu Etnológico Português.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

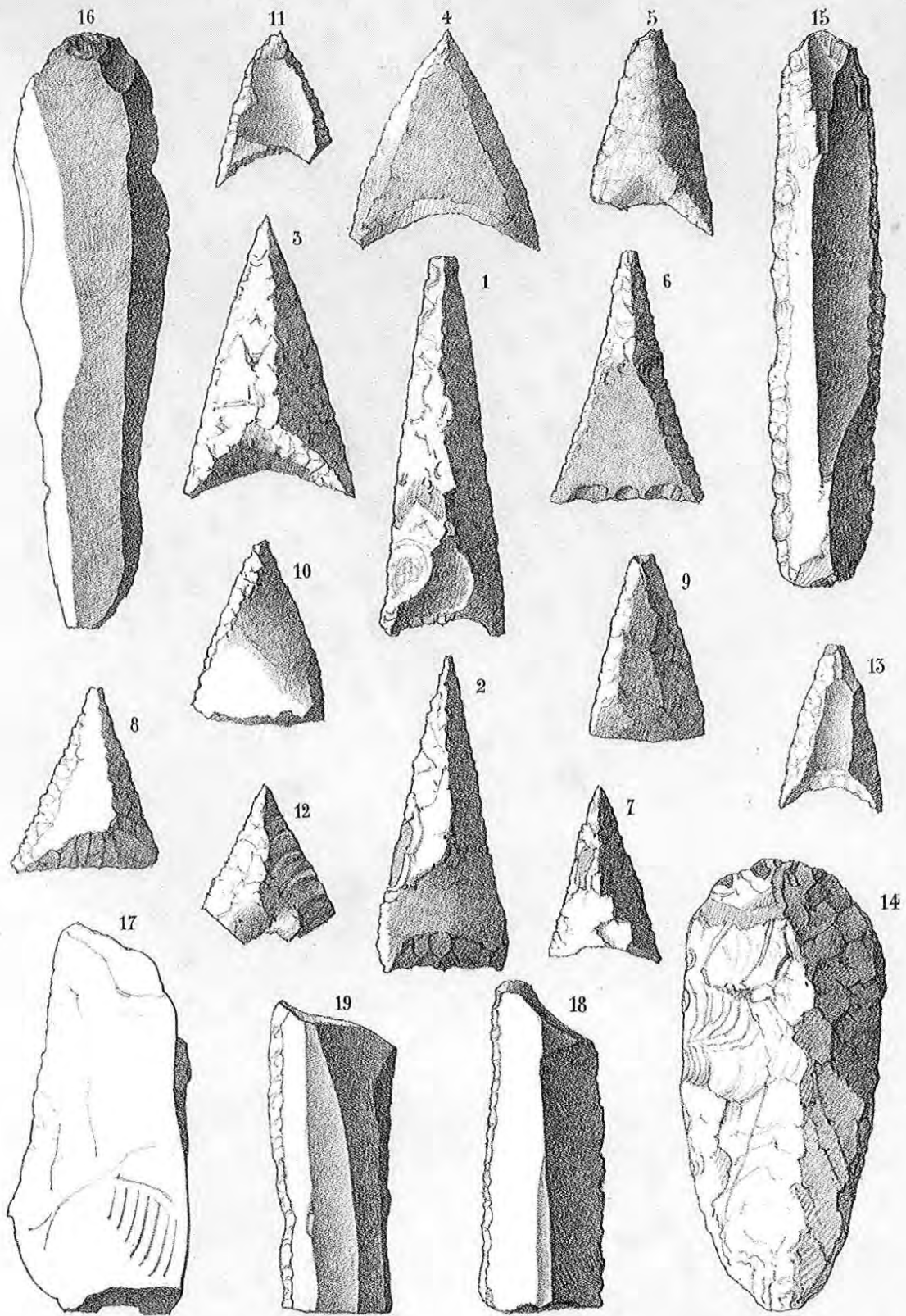
- CARDOSO, J. L. (1993) — Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal. *Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa*. Câmara Municipal de Oeiras, 568 p.
- (1995) — Pontas de seta calcolíticas de osso de povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 233-241.
- CARREIRA, J. R. (1994) — A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 47-144.
- CARTAILHAC, E. (1886) — *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Ch. Reinwald, Paris.

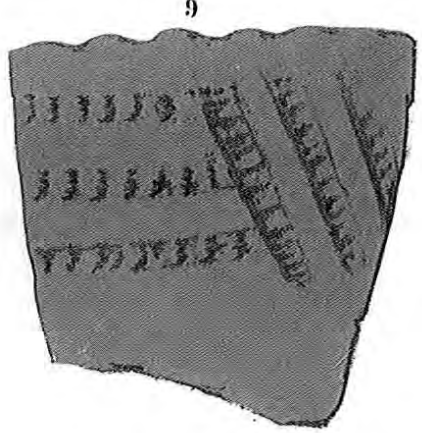
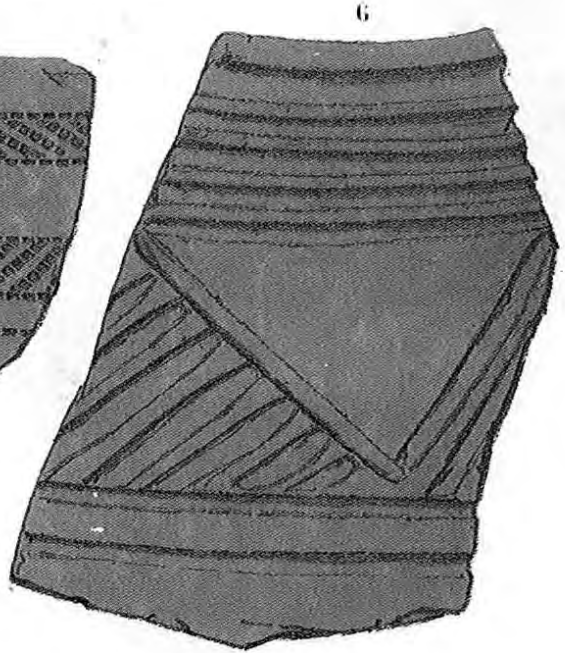
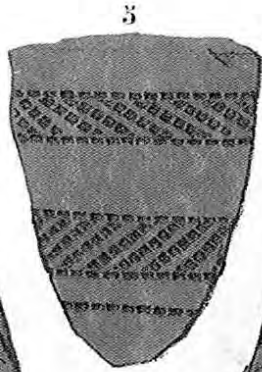
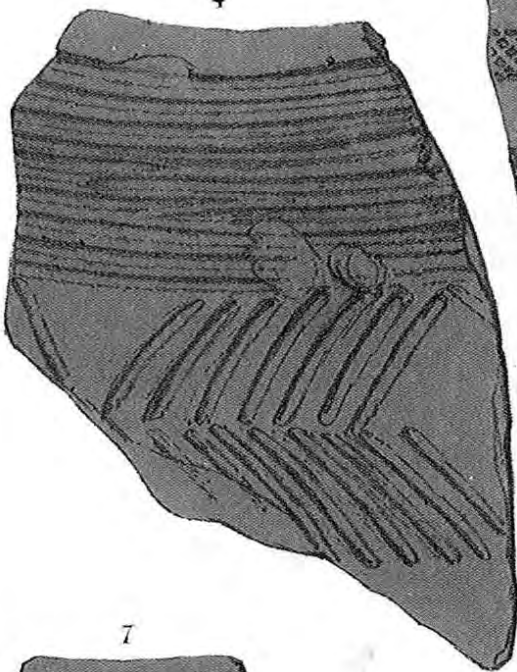
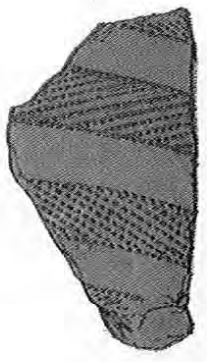
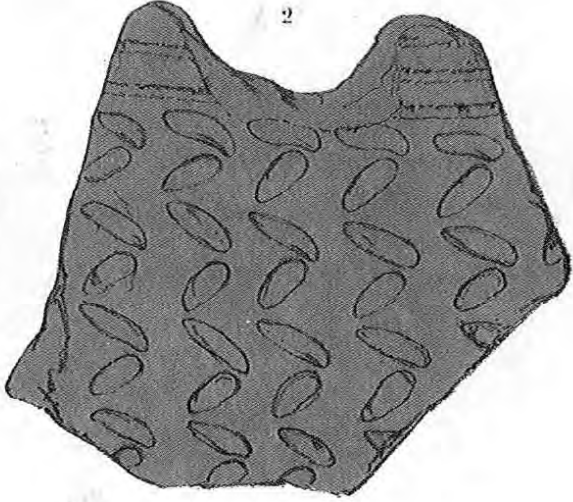
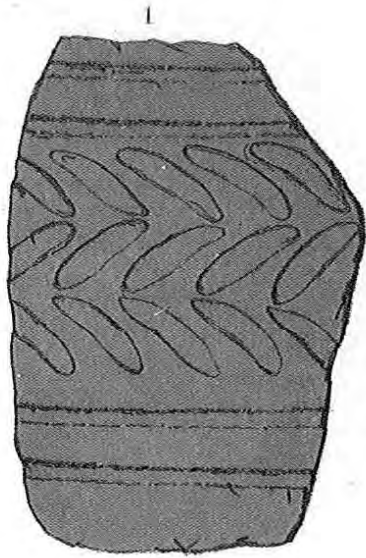
- COSTA, F. A. PEREIRA DA (1868) — *Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Memória da Comissão Geológica de Portugal. Lisboa.
- COSTA, A. I. MARQUES DA (1903) — Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Objectos encontrados no castro da Rotura. *O Arqueólogo Português*, 8, p. 137-148.
- DELGADO, J. F. NERY (1867) — *Notícia acerca das grutas da Cesareda*. Memória da Comissão Geológica de Portugal. Lisboa.
- GONÇALVES, V. SANTOS (1971) — *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Junta Distrital de Setúbal. Setúbal.
- GOURICHON, L. & CARDOSO, J. L. (1995) — L'avifaune de l'habitat fortifié chalcolithique de Leceia (Oeiras, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 165 - 186.
- HELENO, M. (s/d) — *Algumas palavras sobre Leite de Vasconcellos*. Edição do Autor. Lisboa.
- SIMÕES, A. F. (1878) — *Introdução à Archeologia da Peninsula Iberica. Parte primeira-antiguidades prehistoricas*. Livraria Ferreira. Lisboa.
- SPINDLER, K. (1981) — *Cova da Moura. Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals vom Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*. Verlag Philipp von Zabern, Mainz-am-Rhein.
- VASCONCELLOS, J. LEITE DE (1906) — Acquisições do Museu Ethnológico Português. *O Arqueólogo Português*, 11, p. 89-92.

# ESTAMPAS

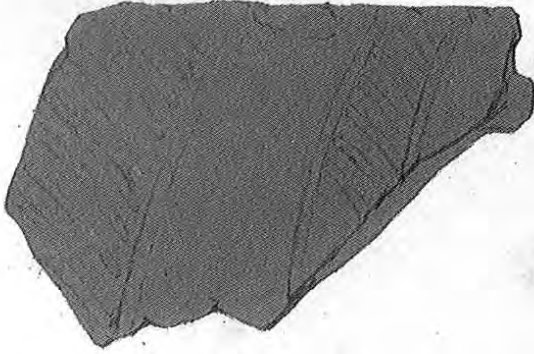


Barros des. do natural e lith.

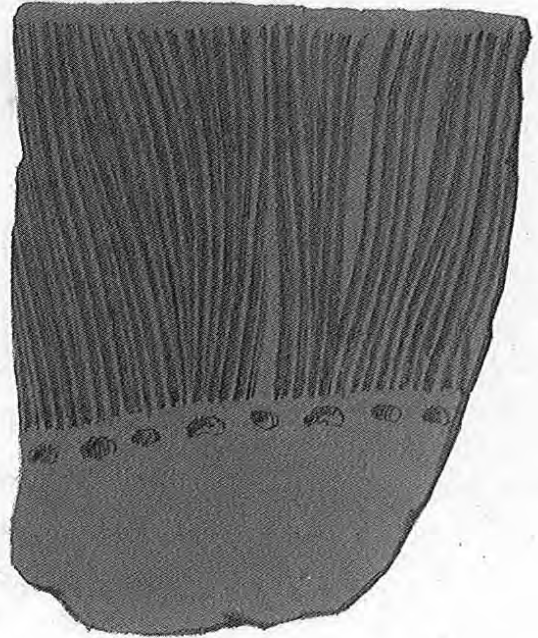




10



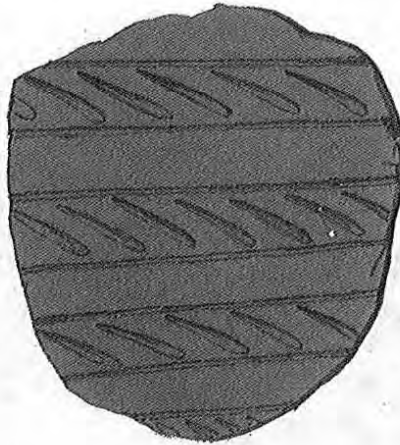
11



12



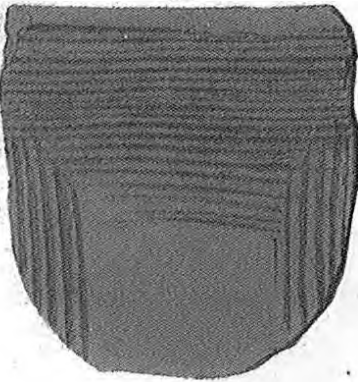
14



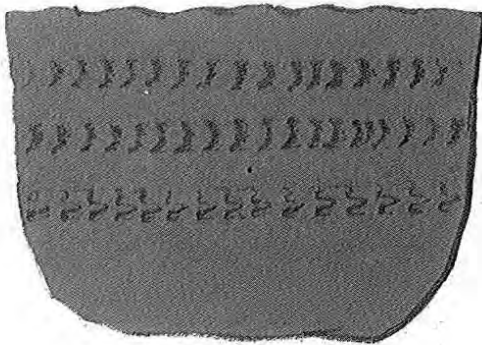
15



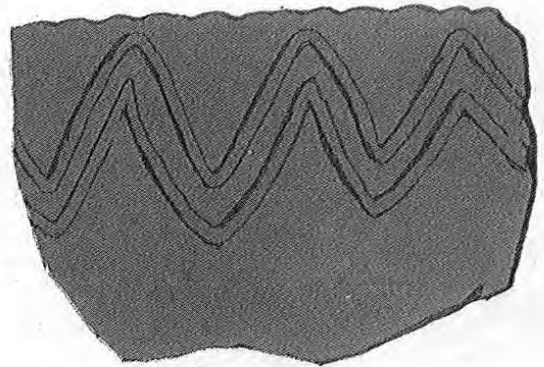
15

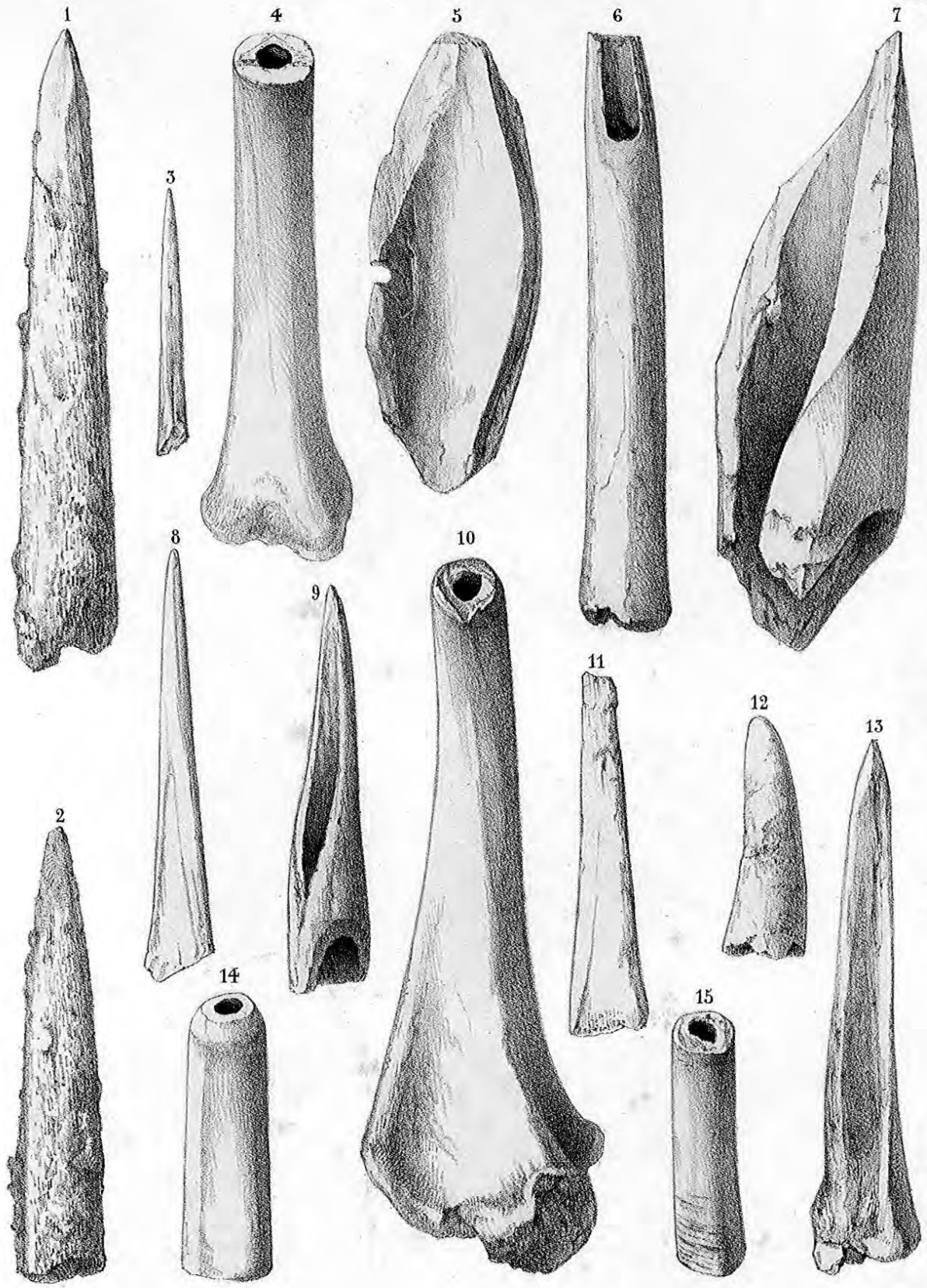


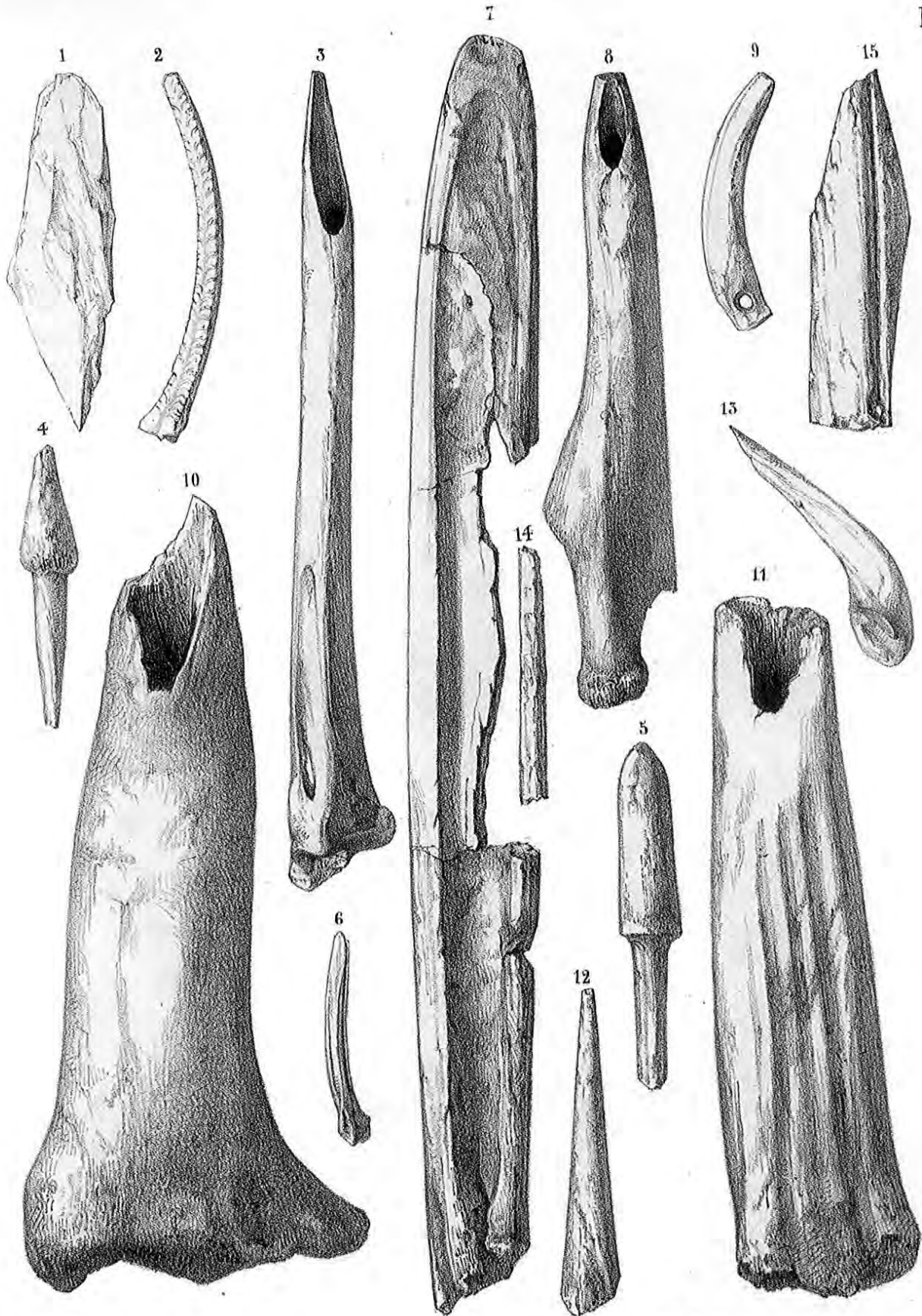
16



17







Castro lith.

Lith. da Comissão Geologica de Portugal

